





*A árvore do conhecimento*  
do bem e do mal





## Sumário

|                                   |    |
|-----------------------------------|----|
| A ÁRVORE DO CONHECIMENTO. . . . . | 3  |
| BAVA 8 Serpente . . . . .         | 7  |
| BAVA 2 Encanto . . . . .          | 9  |
| BAVA 1 Sonho . . . . .            | 11 |
| BAVA 7 Eva . . . . .              | 13 |
| BAVA 7 Silêncio . . . . .         | 15 |
| BAVA 1 Estrangeiro . . . . .      | 17 |
| BAVA 1 Passado . . . . .          | 19 |



Bava x  
*Serpente*

## O frisson *de conhecer*

**Uma descoberta pode se parecer com a completude** A *alegria de conhecer*, conforme Hasdai Creskas, está ligada à compreensão da criação. O conhecimento, carregado de afeto, provoca uma alegria intensa que ultrapassa a razão.<sup>1</sup> Deus não é feliz por conhecer tudo, como afirma Gersônides, mas feliz com a criação. Todo conhecimento genuíno revela algo sobre Deus. E isso gera alegria.

**Conhecer não é apenas entender, mas sentir** Viver e encontrar significado é uma experiência tanto racional quanto existencial. Se, para Deus, amor é união, a força entre o humano e o celeste é a percepção da verdade divina na vida cotidiana.

**Não confundir «conhecer» com «relacionar»** Para Buber é impossível, por exemplo, *conhecer alguém* no sentido literal da palavra. Conhecer (*eu-isso*) envolve estudo, análise e observação de mundo. Ao conhecer algo, o sujeito transforma o objeto em algo externo, observável. O conhecimento é uma forma de “objetivação”. Relacionar-se (*eu-tu*), por outro lado, trata de um encontro genuinamente, que ocorre quando as duas entidades se abrem ao diálogo. Relacionar-se, portanto, é uma experiência de vivência. E as duas são, inclusive, experiências muitas vezes incomparáveis.

1. Maimônides, diferente de Creskas, vê a alegria intelectual como uma consequência da perfeição racional.





Bava כ  
*Encanto*

## *Os sábios podem criar mundos*

Se os justos quisessem, poderiam criar mundos,  
pois está escrito: *Mas os vossos pecados fazem  
separação entre vós e o vosso Deus.*

ISAÍAS 59-2

**O processo criativo semelhante ao divino** O *Sêfer Ietzirá* sugere que, ao dominar o conhecimento da articulação de letras, sons e números, é possível gerar mundos — como, segundo a Torá, foi feito por Deus. Mas não se trata apenas de pronunciar palavras. Para produzir novos mundos, é preciso entender como ele se relaciona e combina. Criação é formatação.

**Betzalel «sabia como combinar as letras»** Segundo a tradição cabalística, as letras hebraicas não são apenas símbolos, mas forças cósmicas ativas. Esse conhecimento lhe dava um poder especial de “criar” no mundo material. A criação no *Sêfer Ietzirá* não acontece *ex-nihilo*,<sup>2</sup> mas através da combinação e manipulação de forças que já existem.

2. Similar ao pensamento estoico, que relata a criação do universo como um processo de ordenação e transformação da matéria existente através do *logos*, o princípio racional ativo que organiza o caos em cosmos.

**Criação é um processo eterno** As letras do alfabeto hebraico são elementos fundamentais, similares aos princípios ativos da filosofia estoica, como o fogo, o ar e a energia vital, o *pneuma*. Nessa visão, o mundo é dinâmico e sujeito a constante renovação e transformação. As letras são combinadas de forma contínua, não somente no início dos tempos. Esse conceito ecoa em várias práticas, como o estudo e a interpretação da Torá — uma contínua obra de criação —, ou escolas de pensamento — como, por exemplo, a psicanálise, que surgiria muitos séculos depois.

Bava 1  
*Sonho*

## *Os significados ocultos*

**A realidade não é fixa** Constantemente interpretado e reinterpretado por meio de símbolos, o mundo é entendido como dinâmico para a tradição cabalista e psicanalítica. Assim como no *Sêfer Ietzirá*, onde o mundo é recriado constantemente pelas combinações das letras, o inconsciente psicanalítico reorganiza símbolos, memórias e significados como um processo de construção contínua, que cria e recria a realidade psíquica do sujeito.

**Partes perdidas de si** A ideia de criação contínua no *Sêfer Ietzirá* se conecta ao *Tikun Olam*, que sugere que o universo está em constante processo de correção e aperfeiçoamento. Para Winnicott, por exemplo, o processo terapêutico é visto como um espaço de criação onde o paciente se redescobre e reconstrói sua identidade. Tanto o *Sêfer Ietzirá* quanto a psicanálise acreditam que *saber falar é saber criar*.

**Criação e Torá** Zohar, um dos livros mais importantes da mística judaica, diz que “Deus olhou para a Torá e criou o mundo”. A Torá, aqui, não é entendida apenas um texto religioso — mas uma estrutura dinâmica da realidade, parecida com o *logos* no pensamento estoico. Cada letra, palavra e verso tem potencial criativo, e pode ativar forças cósmicas.

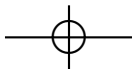


**Interpretar é o oposto de decorar** Interpretar a Torá não é apenas extrair o significado literal, mas descobrir os significados ocultos através de técnicas como *midrash*, *gematria* e *notarikon*.<sup>3</sup> Assim como o texto da Torá é interpretado de geração em geração, o mundo físico é continuamente reinterpretado e recriado. E o estudo da Torá é parte desse processo. Quando um sábio encontra uma nova interpretação, ele altera a realidade.

**Criação e vazio** O mundo antes da criação formal, no contexto bíblico, é *tohu vavohu*. Mas não é apenas “vazio”; é um vazio cheio de potencial. É a matéria bruta primordial que contém todas as possibilidades da criação. As letras hebraicas no *Sêfer Ietzirá* são como “sementes” de potencial. Antes de serem combinadas, elas existem em um estado *tohu*, ou seja, potencial bruto, sem forma. Quando Deus as combina, elas dão origem ao mundo como o conhecemos.

**O vazio e o caos não são negativos** Lacan diz que a criação de significado está diretamente ligada ao *vazio estrutural no centro do sujeito*. Assim como Deus cria o vazio no *tzimtzum*, o ser humano vive com um vazio interno — uma falta estrutural que impulsiona o desejo e a busca por sentido. Esse estado é análogo ao *tohu vavohu* porque é um estado dinâmico: não é apenas uma ausência, mas o lugar onde o significado pode ser criado e recriado. O mundo, portanto, está em ato. E ele acontece, segundo o *Sêfer Ietzirá*, em sistema de correspondências.

3. Acrósticos e combinações de letras.



Bava 7  
*Eva*

## *Atuo aqui e causo efeito lá*

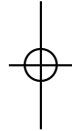
**Correspondências simbólicas** A principal ideia da magia é a brincadeira com as noções de microcosmo e macrocosmo. Na visão mágica, o universo é como uma teia interligada. E o praticante não cria algo estritamente novo, mas reorganiza o fluxo de energias existentes. A correspondência sugere que há uma relação simbólica entre diferentes planos da realidade: espiritual, mental e físico. Planetas estão associados a emoções humanas, ervas podem estar conectadas a deuses, e números podem refletir qualidades divinas. Na astrologia, cada planeta é associado a cores, metais e plantas.

**A essência comum** Ao entender as relações entre os diferentes planos, é possível manipular símbolos para gerar mudanças nos planos superiores e vice-versa. As correspondências são o código que traduz a vontade do mago em efeitos concretos. E são o que pressupõe o universo como um todo interligado: o que acontece em uma parte dele pode influenciar outras.

**O gatilho** O nome de Eva, ou Chava, vem de *chai*, “vida”. Mas sua figura não representa apenas a mãe de todos os seres humanos, a que “dá a vida” — mas o próprio canal da existência e da transformação. Enquanto Adão, ou Adam, está associado à *adamá*, “terra”, à estrutura e à estabilidade, Eva representa o fluxo da experiência e o princípio dinâmico de criação. Ela perfurou a realidade do Éden e viu o que estava oculto. Com isso, abriu um novo caminho de consciência: através de uma ação, tudo mudou.



**A transgressão** No judaísmo, o entendimento profundo não é relacionado à obediência, mas à experiência, à queda e à *teshuvá*, o “retorno”. O que Eva fez ao comer do fruto pode ser visto como o momento em que a humanidade entrou no mundo da experiência e da ação. Foi o nascimento da consciência.



Bava ׀  
*Silêncio*

## *A vibração em potência*

**Um tratado sobre o som** No *Sêfer Ietzirá* não são apenas os números e as letras que importam, mas suas articulações: quando o som molda a estrutura da realidade. Os 231 *portões*, uma das principais ideias do livro, descrevem as combinações possíveis entre as 22 letras do alfabeto hebraico. Esses portões simbolizam a união de letras em som e, consequentemente, palavras. O diagrama frequentemente utilizado para representar esse conceito é o *galgal hashe'arim* ou “roda dos portões”, onde todas as combinações possíveis de letras estão interligadas, formando um sistema de criação dinâmico. Essa “roda” também representa o universo e o tempo como tecidos cíclicos.

**Som e respiração** Tanto a ideia de um universo dinâmico quanto do som como linguagem que vibra estão ligadas à respiração. O “sopro” ou *ruach* remete à energia divina criadora, conforme a criação descrita no Bereshit. E, claro, à vida. Na fala, aliás, o som não existe sem a respiração. São dois movimentos normalmente sincronizados. Isso explica por que a poesia, os cantos religiosos e a música têm efeitos emocionais profundos: eles estão diretamente ligados à modulação do ritmo respiratório. Os mantras recitados em muitas tradições, como o OM hindu, ajustam o padrão respiratório para induzir estados meditativos e alinhar mente e corpo.

**O molde da criação** É por meio das letras que esse sopro é “talhado” em unidades específicas, permitindo a formação de palavras, que dão forma ao mundo. E as palavras só estão em movimento quando são ditas. Talvez seja justamente por isso que as vogais, que nada mais são do que sons alongados das consoantes, são chamadas em hebraico de *tnuot* ou “movimento”.

**Som potencial** O silêncio, por outro lado, é um espaço latente onde o som está por emergir. Antes de ser moldado em palavras, o sopro está em estado puro, semelhante ao silêncio. Nesse *silêncio primordial* todos os sons possíveis existem e aguardam a ativação pelas combinações de letras. Ele pode ser comparado ao *tohu vavohu* na medida que contém o potencial criador bruto, mas ainda não articulado, ou ao *ein sof*, o estado anterior à manifestação. O nome de Deus, não à toa, é impronunciável.



Bava 1

*Estrangeiro*

## *A rebelião conta o destino*

**O mundo é um livro sendo escrito** Os números regulam e as letras são forças cósmicas ativas: esses elementos são como códigos genéticos que produzem organismos e alteram a realidade. E a narrativa é o produto disso. O nome, por outro lado, é a parte da realidade que pode ser definida: no sentido de *dar forma, formar, formação*. E há um *midrash* importante sobre isso.

**O que dizem as estrelas** Abraão, o patriarca, era um grande conhecedor da astrologia antiga, que também incluía astronomia, e sabia interpretar os sinais celestes. Inicialmente, os astros lhe revelaram que ele não poderia ter filhos, mas essa previsão foi alterada através da intervenção divina, marcada simbolicamente pela adição de uma letra ao seu nome. Ao receber a letra ה (*hei*) de Deus, ele transcendeu uma limitação. Avram, que se torna Avraham, não é o único. Sarai, sua esposa, também se torna Sara. No *Sêfer Ietzirá*, o *hei* está associado ao elemento ar, ao fôlego (e, como já foi dito, à criação e ao poder vital). É como se a própria essência do “sopro divino” fosse incorporada ao nome de Abraão, dando-lhe a capacidade de gerar sua própria linhagem.

**Nomes de Deus são ações** Os nomes de Deus não são apenas identificações estáticas, mas expressam as ações, atributos e modos pelos quais Deus se manifesta no mundo. No contexto do *Sêfer Ietzirá*, isso está ligado à criação e ao funcionamento do universo por meio das dez *sefirót* e das combinações das letras hebraicas. Assim, Deus não apenas “é” através de seus nomes, mas “faz” através deles. Em última análise, os nomes de Deus representam a ponte entre o mundo divino e o mundo material.

**Códigos interrompidos** Da mesma forma que Deus não é um nome fixo, o estrangeiro, sempre em trânsito e sem um destino certo, também nunca “é” completamente. Para Jean-Luc Godard — que, por conta da comunicação falha e planos fragmentados, parece operar seu cinema como um idioma estrangeiro —, o estrangeiro é, aliás, o personagem que desestrutura o discurso. Que traz o desconcerto e a novidade. Ele está fora da gramática dominante, não pertence aos códigos estabelecidos da linguagem e da narrativa e interrompe o fluxo esperado dos significados. É um espectador perdido dentro do filme e, nesse sentido, um revolucionário.

Bava י  
*Passado*

## *As perspectivas de uma porta*

As 7 letras duplas são compostas pelo masculino e pelo feminino, *zachar unekevá*. E essa duplicidade é navegável;

As 3 letras mães funcionam como um eixo, uma balança. Estão sempre em perfeito equilíbrio;

As 6 direções cardeais são cósmicas, representam camadas da realidade;

Os 12 órgãos são condutores na *alma-corpo*;

Os 3 elementos são fogo, a cabeça; ar, o tórax; e água, a barriga. Terra e éter, que estão abaixo ou acima, não são citados. O elemento intermediário é o ar, pois o fogo sobe e a água desce. O ar equilibra. Não à toa, o ar equivale a 3 aspectos humanos: *nefesh*, a “respiração”; *ruach*, o “espírito”; *neshamá*, a “expiração”;

Os 3 livros...

As 10 *sefirót*...

As 22 as letras do alfabeto...

Os 32 os caminhos de sabedoria...

Os 231 os portões sonoros...